

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: 05.10.83

Pg.: _____

Mário Juruna, um cacique em apuros

CHACAL

Essa história do Juruna, esse índio, me lembra, de forma mais selvagem, aquela do cara que chegou para o corcunda de Notre Dame e disse que conhecia um certo exercício que podia avaliar o peso da sua corcova. O velho camelo respondeu: "Corcova? Que corcova? Corcova é uma ova. Vou te mandar para a masmorra por calúnia e infâmia." E lá se foi o velho arrastando sua corcunda pela velha catedral.

Existe também aquela manjada do rei está numa limousine blindada. Juruna apenas repetiu como um louro, o que todo mundo

diz, mais ou menos encoberto pelas ruas, pelos taxis, pelos bares, pelas ruínas dessas cidades daqui. Juruna apenas teve a coragem de dizer isso aos seus pares em sessão plenária. Claro que Juruna, esse índio, não podia dizer aquilo de outra forma, afinal ele não tem o vocabulário do Aurélio, nem tampouco o compromisso do Aureliano. Juruna, ao que parece, não deve nada a ninguém. Pelo contrário, fala com a dignidade de um povo que a quase quinhentos anos, é ostensivamente dizimado. Hoje talvez alguns poucos milhares sobrevivam a base de álcool, antibióticos e periódicos extermínios. O raciocínio que o branco arranhou pra isso é brutal: "Índio é bicho. E fica aberta a temporada de caça". Mas hoje ainda, por obra e graça de trinta mil cariocas, um índio ocupa uma cadeira no Congresso. Índio, índio mesmo. Não aquele selvagem cheio de bons sentimentos, cartão postal, eunuco. Mas um xavante. Um cacique xavante.

— "O diabo é que ele fala demais, diria algum executivo. Se ele apenas dissesse — 'Raul!' e fumasse seu cachimbo, tudo bem. Afinal aqui é uma democracia. Mas o diabo é que o pele vermelha, incompreensivelmente, só fala contra nós. Assim seremos obrigados a chamar nosso valente Custer". E sairia da sala com seu magnífico colar de escapelos e seu cinto de orelhas vermelhas. Pois é. Se o índio apenas soubesse qual é o seu lugar. Assim só dizendo como Grant: índio bom é índio morto. Aliás, pra que serve índio? Para ficar ocupando terras e ficar reclamando por aí. Melhor seria tê-los apenas nos filmes da Metro, onde há sempre um Rin Tin Tin para lhes morder as penas.

Esse índio, Juruna, é de outra tribo. Xavante de borduna não é flor que se cheire. Pode não entender dos kafkianos labirintos da política econômica. Mas quero dele. Quer que seu povo seja tratado com o respeito que merece como ser humano, como uma raça de caça e pesca, carecas de estar aqui, quando o branco aqui chegou com sua pirataria. Desdentão, só facaltruas. E o caraíba ocupando pedaço que era de tupis, guaranis, tamoios, tupinambás, txukarramães, xavantes, gaviões, caiapós, pataxós, marajós e outros bororós. Um povo que, com o tempo e as caravelas, eles começaram a gostar do funk do preto, o rock do branco e foram se inturmando. Já que era impossível evitar o contato, escolheram o que tem de melhor.

Entra nessa parte da história, com seu magnífico gravador cassete, nosso Mário Juruna. "Claro, se eu posso gravar o que eles me dizem e depois mostrar na tribo, o que prometeram, fica melhor pra mim", deve ter raciocinado nosso



herói. Mas da palavra à ação, há uma distância que liga o verde ao vermelho. Os índios então entenderam um pouco melhor aquilo que o presidente branco bradava nos filmes de terceira categoria da indústria de Hollywood — "Índio bom é índio morto". Agora eles estão entendendo um pouco melhor e esbravejam numa língua híbrida, num português claudicante, de curto repertório e sentido, apurado, suas mazelas, seu desespero. É difícil que Juruna e seus irmãos consigam adiar por muito tempo, seu absoluto extermínio. Mas lenta e insistentemente, sua pele vermelha vai impregnar a pele amarela macilenta dessa população branca que já anda invadindo supermercados e praças públicas em pé de guerra.

Tontas coisas

* Papo de índio: "Veiu uns omi di saia preta/cheiu de caixinha e pó branco/qui eles disserum que chamava açucrí/ai eles falarum e nós fechamur a cara/depois eles arripitirum e nós fechamur o corpo/ai eles insistirum e nós comemur eles". Essa e outros em "Drops de Abril", em novembro, nas paradas. A Brasiliense manda avisar.

* "Muita abelha é pouco mé, pouco pouco pó pra bom café, muito papo e pouca fé, os males do Brasil". Estava escrito numa estreita sala do Congresso, em tupi.

* O rio anda entre o verde musgo e o cinza plúmbeo. Quem por acaso dispuser de um tom quente em seu cinzel que passe no ar dessa cidade. Já São Paulo só me recebe ensolarada. Parece piada.

* Leminsky, o Paulo, me enche os olhos e os ouvidos. Diz ele em seus "Caprichos e Relaxos", pág. 18: "Girafas africanas como meus avós quem me dera ver o mundo tão do alto quanto vós".

* Reynaldo Jardim um dia disse: "O que se odeia no índio/não é apenas o ocupado espaço/o que se odeia no índio/é o puro animal que nele habita/o que se odeia no índio/é a sua cor em bronze arquitetada/a precisão com que a flecha voa/e abate a caça; o gesto largo/com quem abraça o rio; o gosto de/afagar as penas e tecer o cocar;/o que se odeia no índio/é o andar sem ruído; a presteza/segura de cada movimento; a eugenia/nítida do corpo erguido/contra a luz do sol/o que se odeia no índio é o sol./A árvore se odeia no índio/o rio se odeia no índio./O corpo-a-corpo com a vida/se odeia no índio/é a permanência da infância./E a liberdade aberta/se odeia no índio".